

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semestre 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	6.º ANNO — VOLUME VI — N.º 150 21 DE FEVEREIRO 1883	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	35800	15900	5950	5120		LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42
Possesões ultramarinas, (idem).....	45000	25000	-3-	-5-	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.	
Estrangeiro (união geral dos correios).	55000	25500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	155000	75500	-5-	-5-		

CHRONICA OCCIDENTAL

Acabamos de lêr n'um jornal francez uma correspondencia de Roma, que nos parece ex'remamente interessante, para nós portuguezes.

Trata-se n'ella do theatro italiano, da sua decadencia, da miseria dos authores dramaticos, a proposito de dois dramas reaes que se representaram lugubrememente, quasi ao mesmo tempo, em duas cidades italianas; em Napoles, a morte vergonhosa d'um dos mais populares maestros napolitanos, o celebre Sarrìa, o author da *Campana dell'Eremitago*, do *Babbeo* e *l'Intrigante* obras que fizeram enorme sensaçào no seu paiz, e a quem a tysica e a miseria mataram n'uma enxerga d'uma agua furtada, deserta e nua; em Milão, o suicidio do mais conhecido empresario theatral d'Italia, Bellotti-Bon, que cheio de dividas, busca a porta vulgar do suicidio para liquidar as suas contas e a sua vida.

Em seguida á noticia d'estas duas mortes o correspondente escreve os seguintes periodos:

Tudo isto, creio eu, diz o correspondente, não prova que a arte dramatica esteja n'um estado florescente, hoje, na patria de Goldoni.

Toda a gente concorda n'isto, e por isso todos procuram o meio de sahir do embaraço e de dar de novo ao theatro italiano o seu esplendor passado.

Não é sem um certo olhar invejoso, que se vê, d'aqui, quanto as cousas se passam differentemente em França. Mas não basta ter inveja dos visinhos, vale mais estudar as causas da sua prosperidade afim de poder imitar os procesos que lhes deram esses brilhantes resultados.

Existe por acaso em Italia o equivalente das nossas sociedades de homens de letras, de authores dramaticos, de compositores de musica? Evidentemente não, visto que homens de talento tendo feito representar um numero consideravel de peças, precisam, para viver d'outros empregos.

Poderia citar obras que tiveram um brilhante successo sobre todas as scenas italianas e cujos desgraçados auctores vegetam na maior mediocridade, para não dizer peor.

Para tornar os factos mais sensiveis; se a sua

boa estrella o tivesse feito nascer em França Paulo Ferrari, esse auctor dramatico, cuja fecundidade é prodigiosa, seria hoje archi-millionario, emquanto que o proprio Paulo Ferrari, em Italia, pertence ao numero d'aquelles que teem que exercer outras funcções para alcançarem um bem estar sufficiente.

Quanto aos directores que percorrem o paiz em todos os sentidos com a sua companhia nomade, julgam ter feito uma grande cousa, quando compram um drama ou uma comedia por algumas centenas de francos.

Ora é certissimo que, com raras excepções, porque nem toda a gente tem o fogo sagrado, um auctor não empallidece longas noites sobre uma

peça que lhe hade dar tão magros proventos. D'ahi uma immensidade de produções extemporaneas, feitas á pressa, sem condições de vida.

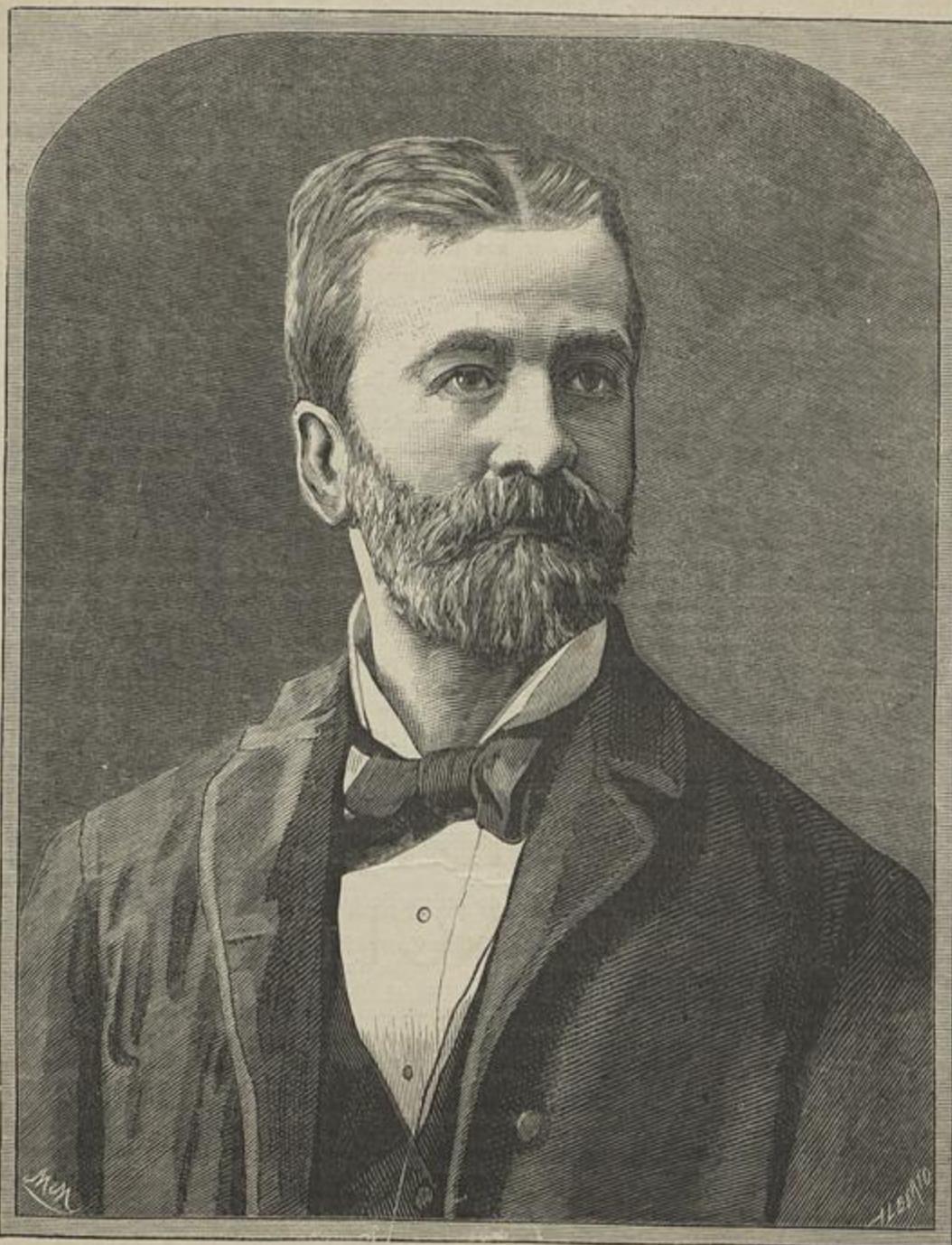
E ainda se as companhias se dessem ao trabalho de as estudar com cuidado! Se a direcção as montasse convenientemente. Mas nada d'isso. Como sabem perfectamente que ellas se não demoram no cartaz engolem-n'as, atrapalham-n'as, fiam-se absolutamente no ponto, que para substituir as faltas de memoria grita de modo a ser ouvido por metade da sala. Centenares de espectadores ouvem assim a peça duas vezes, e para elles, os effeitos, são descontados adiantadamente.

Só em Italia se lê, no dia seguinte da primeira representaçào d'uma peça em 5, actos nos cartazes d'um theatro: «Hoje segunda representaçào, a pedido geral do publico.» Por este caminho advinha-se facilmente que medonho consumo d'obras dramaticas mediocres ou más.

O numero das representações d'uma peça em Italia chega ao inverosimil e ultrapassa o absurdo.

Felizmente os directores teem o recurso de montar peças traduzidas do francez e já consagradas pelo successo parisiense. São as unicas que se conservam no cartaz, durante algum tempo, isto é, que se representam umas vinte vezes a fio na mesma cidade durante uma epoca.

Ora isto é decerto muito lisongeiro para os auctores dramaticos francezes, mas estes por fim de tempo começaram a achar estas satisfações d'amor proprio demasiadamente platonicas, e pediram que essa gloria se traduzisse em algumas especies sonantes e correntes. Hoje começa-se a exercer uma vigilancia seria sobre a reproduçào das peças francezas. A sociedade dos auctores e compositores de musica tem um representante zeloso na pessoa do sr. Victorio Berzerio — (o auctor da *Bolla de Sabão*), e graças a elle ha já um bocadinho de moralidade nos negocios theatraes internacionaes, moralidade cuja urgencia se fazia sentir ha muito tempo. Aqui pegava-se sem cerimonia nas melhores peças do repertorio francez, traduziam-se, arranjavam-se, faziam-se d'ellas o que se queria, sem ter o trabalho de consultar os aucto-



CONSELHEIRO CAETANO DE PAIVA LOPES GAMA, MINISTRO PLENIPOTENCIARIO DO BRAZIL EM LISBOA
(Segundo uma photographia)

res e muito menos de os indemnizar. — Ora até certo ponto o quadro da vida theatral d'Italia, que o correspondente do jornal francez descreve n'estas palavras, podia muito bem ser o quadro da vida theatral portugueza, e d'esse certo ponto para diante é uma triste consolação para nós portuguezes, porque no fim de contas por lá as coisas ainda são peiores.

Em Portugal os auctores dramaticos não morrem de miseria pelas aguas furtadas desertas, mas tambem não arrastam vida farta e opulenta pelos palacios luxuosos.

Do mesmo modo que em Italia, a litteratura dramatica não pôde servir de modo de vida a ninguém, porque n'esse caso serviria tragicamente de modo de morte; a producção theatral tem de ser *hative*, imperfeita, incorrecta, mas entretanto as peças tem uma vida mais longa, sem comtudo ser muito mais farta.

Nos cartazes dos nossos theatros as segundas representações não se annunciam a pedido do publico, mas os maiores successos attingem ordinariamente o numero de representações, que em França marcam os fiascos.

Os empregarios das *troupes* nomades das provincias, esses é que differem muito para peor, dos empregarios italianos: não compram as peças por umas centenas de francos, levam as peças de graça, e ás vezes, os mais generosos, promettendo pagar direitos. Os artistas não tratam os originaes com o supremo desdem com que, segundo o correspondente de Roma, os tratam os artistas italianos, mas em geral não morrem d'amor pelos originaes, e não depositam no talento dos seus compatriotas uma confiança excessiva.

Diga-se na verdade, como já uma vez aqui notámos, que o publico e certa parte da critica tem animado muito essa desconfiança.

E sejamos justos até ao fim: tambem alguns auctores dramaticos tem n'esse ponto auxiliado o publico e a critica.

Da comparação dos dois theatros, porém o que resulta immediatamente, é que em ambos elles as mesmas causas produzem os mesmos effeitos: a falta de incentivo produz fatalmente a decadencia. Em França, o auctor dramatico é a primeira personalidade no theatro, em Portugal é a ultima. Em França, comprehende-se que a materia prima d'um spectaculo theatral é a peça, e é para ahí que convergem todas as atencões dos empregarios e dos artistas.

Em Portugal as peças entram como elemento de luxo na organização d'um theatro.

D'ahi scenas inteiramente diversas. Em França o auctor dramatico impõe as suas vontades, obriga as empresas a escripturar os artistas de que necessita para a sua obra, manda em senhor no palco, no scenographo, no aderecista, nos actores, é elle quem ensaia, quem dirige os trabalhos, a alma, a direcção suprema do theatro até á noite da *première*.

Em Portugal dá-se inteiramente o contrario: o auctor sollicita, de chapéo na mão, a admissão da sua peça, tem que se contentar com os artistas que os empregarios lhe distribuem, com os scenarios que ha, tem de ceder ás exigencias de toda a gente, a começar pelos artistas e a acabar no aderecista, e, ainda assim, tem de conservar eternamente, para com todo esse *mundo* enorme, a gratidão de quem recebe um grande favor.

E, graças a Deus, fallamos n'isto desassombadamente, sem estar a entornar fel proprio sobre estas linhas, sem despejar a bilis, porque, por um acaso especial, temos encontrado sempre nas empresas, nos artistas, na critica e no publico, uma benevolencia e uma boa vontade, que nos permite fallar assim, do que vemos acontecer aos outros, todos os dias, e em geral, sem que possam taxar as nossas palavras de despeito pessoal, de peça recolhida, ou de memorial feito ás empresas, ao publico e á critica em favor proprio.

O que é verdade, porém, é que nos theatros de Portugal, o que mais mal se paga são os direitos de auctor.

Esses direitos chegaram a ser vergonhosos fóra do theatro de D. Maria, onde tambem não são uma independencia, nem d'uma logica primorosa.

Segundo os direitos assentes nas tabellas theatraes de Lisboa e Porto, um original recebe 18500 réis por acto, cincoenta por cento mais que uma traducção!

Por este preço é necessario ter o talento de Molière ou a riqueza de Rotschild para se poder triumphar no theatro: o talento de Molière para poder d'um jacto, ao correr da penna fazer uma obra prima, a riqueza de Rotschild para poder trabalhar conscienciosamente, longamente, pacientemente uma peça, que no fim de contas, no melhor dos casos — successo extraordinario — dá 30 representações a quinze tostões o acto!

D'ahi vem fatalmente a decadencia da litteratura dramatica portugueza, a falta d'originaes, ou a sua insignificancia; á corrente de traducções que alastra o nosso theatro, corrente em que vamos tambem levados pela razão acima apontada, não sermos nem Molière, nem Rotschild.

E aqui prende-se a questão complicada e tão debatida, do direito de propriedade litteraria, dos tratados, do respeito do trabalho alheio, a que se refere na ultima parte a correspondencia que traduzimos.

Vae longa esta chronica, cujo assumpto me pareceu d'uma actualidade palpitante, como é moda dizer-se. Não exageremos essa actualidade encetando agora aqui essa questão séria e complexa dos tratados internacionaes de propriedade litteraria. Deixemos isso para uma das proximas chronicas.

— Nos assumptos preteridos pela nossa chronica d'hoje, não ha nenhum de importancia notavel, a não ser a da organização do jardim zoologico, cuja iniciativa, tomada por alguns dos nossos mais distinctos homens de sciencias, começou agora a dar os seus primeiros passos.

As horas em que escrevemos discutem-se em assembléa geral da commissão fundadora do jardim Zoologico as bases d'essa nova e importante instituição com que vae ser dotada Lisboa.

Proximamente nos occuparemos largamente d'esse grande melhoramento e d'esse bello e grande facto que hade marcar o anno de 1883 na historia da civilisação portugueza: — A exposiçào agricola e industrial.

— Fallámos no ultimo numero da morte d'um compositor illustre, Flotow, o auctor da *Marta*: hoje temos no mundo lyrico outra morte notavel, a de Ricardo Wagner, um homem que creara um logar aparte na musica moderna e um reino excentrico e estranho em Beyseuth.

Dentro em pouco ouviremos pela primeira vez no nosso theatro lyrico a musica Wagneriana, o *Lohengrin*, e quando a ouvirmos a chamada musica do futuro será já na historia a musica do passado.

Gervasio Lobato.

A «LAURIANE» DE AUGUSTO MACHADO

A protagonista em Marselha da opera de Augusto Machado é mademoiselle Julia Potel; o director da orchestra, o ensaiador, o auxiliar precioso do maestro, foi Hasselmans.

Vamos hoje dar aos leitores do OCCIDENTE alguns apontamentos biographicos sobre estes dois notaveis artistas.

I

JULIA POTEL

É frequente encontrar em Italia artistas que, possuindo vozes maravilhosas, figuras esculpturaes, a bella cabelleira romantica que protesta contra o chapeo moderno, e bigodes e peras de uma fatalidade de chromo-lithographia são todavia, moralmente, ás mais completas nulidades. Em França vê-se o contrario: ás vezes um cantor é annuciado como barytono, ou sob denominações diversas para fundar as quaes a voz, quasi sempre ausente, fornece poucos elementos. Em scena, esse cantor, tem apenas, como manifestações vocaes, gestos e expressões de physionomia.

Este barytono porém, tratado pessoalmente, ouvido a respeito da opera, que elle... não canta, escutado entre os bastidores, no camarim, n'uma ceia, nas occurrencias da vida particular, revela-se como um verdadeiro artista *double* de um critico fino, espirituoso e intelligente.

Era assim Potel, cantor da *Opera Comique* de Paris. A graça do seu espirito, a *verve* das suas respostas deixaram uma recordação mais duravel que a sua voz e a execução musical dos papeis que lhe eram confiados.

Julia Potel é filha do artista de que acabo de fallar.

Afilhada de madame Milan Carvalho, mademoiselle Potel passou a sua infancia n'uma atmosphera vibrante com as melodias do *Fausto*, *Dinorah*, *Mignon*, *Premier jour de Bonheur*, *Carmen*, *Piccolino*. Um dia reconheceu-se que ella tinha voz; e este meio de expressão appareceu felizmente como mais um elemento, n'uma organização já de tal modo modellada pela arte.

A critica, a delicadeza, o sentimento das *nuanças*, a intelligencia das finas intencões, o gosto perfeito, a elegancia moderna, todas as qualidades emfim que têm permitido á França apresentar-se ante o mundo como uma escola de musicos, — quando não como uma verdadeira escola de musica, — todas essas qualidades formaram o espirito de mademoiselle Potel como os climas

afeiçoam sempre, com os seus elementos influentes, os organismos que n'elles se criam.

Aos 12 annos mademoiselle Julia Potel entrava para o Conservatorio de Paris e obtinha ali, aos 15 annos, o seu primeiro premio. Foi assim discipula d'esta notavel escola mas sobretudo discipula de Milan Carvalho.

Aos 17 annos debutava na *Opera Comique*, na antiga *Cendrillon* de Nicolo.

A artista distincta, educada, *franceza* n'uma palavra, de que eu acabo de esboçar a physionomia, revelou-se então como uma vocalisadora notavel.

Na estação de 1882 mademoiselle Potel cantou no *Grande Theatro de Marselha* pela primeira vez, e tornou-se desde então, o idolo dos *dilettanti* d'esta cidade, tão conhecida em França pelo gosto difficil dos seus habitantes.

A 9 de janeiro d'este anno Julia Potel creou o papel de *Lauriane* na opera de Augusto Machado. Toda a imprensa de Lisboa sabe já, pelas transcripções dos jornaes francezes, do triumpho obtido pela notavel producção do nosso compatriota: mademoiselle Potel teve, n'esse triumpho, uma boa parte.

A voz d'esta cantora não se impõe desde o primeiro momento, á *italiana*, em gritadoras vibrações instrumentaes. É esta como que de uma *delicadeza sonora*, tanto mais *sympathica* quanto mais se ouve, e tanto mais commovedora quanto mais se escuta. Nos cantos largos e apaixonados revela-se a sua notavel organização de artista; na prodigiosa agilidade da sua vocalisação tem por força de admirar-se a perfeita educação technica da *virtuose*.

Um dia mademoiselle Potel pediu a Augusto Machado que lhe escrevesse uma *cadencia difficil* para o final da *villanelle* do 2.º acto da *Lauriane*. O maestro escreveu, por brincadeira, uma *cadencia difficilima*, — um gorgeio original dialogado com o clarinete em que se não encontra nenhuma das banalidades do genero: — a cantora executou admiravelmente o *tour de force*.

Em breve Julia Potel voltará a occupar na *Opera Comique* de Paris uma das mais distinctas posições artisticas da França.

II

J. HASSELMANS

J. Hasselmans foi *menino do côro* e estudante de rebecca da Collegiada de S. Carlos em Anvers onde nasceu.

Foi a sua irresistivel vocação musical que o fez abandonar a carreira commercial onde, durante 3 annos, elle foi, supponho eu, um detestavel guarda-livros.

Começa então a sua carreira artistica sendo successivamente primeiro rebecca no Grande Theatro de Anvers, director d'orchestra nos theatros de Amiens, de Rouen e de Nantes, onde casou em 1843.

Estava em Liege como director de orchestra quando o intendente do rei dos Paizes Baixos o contratou para o theatro real da Haya onde se conservou até á morte do rei Guilherme II.

Em 1850 apparece J. Hasselmans pela primeira vez como director de orchestra do Grande Theatro de Marselha.

Em 1854, Halanzier tão conhecido depois como director do theatro da Grande Opera de Paris, chamou Hasselmans a Strasburgo para ali organizar uma orchestra e um Conservatorio de musica.

São d'este Conservatorio muitos artistas conhecidos e apreciados nos concertos e nas orchestras de Paris, entre estes Alphonse Hasselmans harpista distincto filho de J. Hasselmans.

Em Strasburgo, com uma orchestra e côros seriamente educados, J. Hasselmans fundou uma sociedade de concertos classicos a exemplo do que se faz no Conservatorio de Paris.

Depois da guerra com a Allemanha, Hasselmans dirigiu as orchestras dos theatros de Gand, da Haya e em Nice, onde o Barão Von Derwies o encarregou de organizar uma orchestra completa.

Em 1875 Hasselmans dirige a companhia franceza de opera comica do *Gaety Theatre* em Londres e em Dublin, sendo em seguida director d'orchestra no grande theatro de Rouen até que o fogo o destruiu em 1876.

Ambroise Thomas propoz Hasselmans ao Ministro das Bellas Artes, para dirigir o Conservatorio de Marselha, quando este era uma succursal do de Paris. Em 1878 aquelle Conservatorio foi transformado em escola municipal. Hasselmans, deixando a direcção d'este estabelecimento, fixou-se em Marselha e ponde ahí ensaiar e dirigir, este anno, os ensaios e as primeiras representações da opera *Lauriane* de Augusto Machado.

Quando Augusto Machado fez ouvir a Hasselmans a sua partitura ao piano este ouviu-a silencioso, grave e com um ar indifferente.

No fim pegou na musica, despediu-se seccamente do auctor e levou-a para casa. No dia seguinte declarava com enthusiasmo que havia passado toda a noite dominado pelo encanto da nova opera portugueza: Augusto Machado não teve desde então um maior admirador em Marselha.

Lauriane foi ensaiada com amor por Hasselmans. A orchestra é dominada por este director d'um modo notavel, apenas com os gestos necessarios, sem aparato de movimentos espectaculosos; e é parando, encolhendo-se, e como que desaparecendo quasi, que Hasselmans produz, na orchestra, extraordinarios pianissimos.

D.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO LOPES GAMA

Novo ministro do Brazil em Lisboa

O conselheiro Caetano Maria de Paiva Lopes Gama, filho d'um dos estadistas mais notaveis do imperio brasileiro, o barão de Maranguape, foi o diplomata escolhido pelo governo do Brazil para substituir o sr. Barão d'Aguiar d'Andrada, á frente da legação do imperio, em Lisboa.

Homem de notavel merecimento, e de extrema modestia, o conselheiro Lopes Gama, é hoje um dos diplomatas mais importantes do Brazil, e considerado enormemente pela sua intelligencia elevadissima e pelo seu nobre character.

Foi em 1852, que o novo ministro do Brazil em Lisboa entrou na carreira diplomatica, sendo nomeado addido de 1.ª classe para a legação de Londres. Em 1860, depois de ter servido oito annos como addido em Londres e Paris, foi elevado a secretario da legação do Brazil em Vienna d'Austria, e d'ahi a 3 annos promovido a encarregado de negocios na republica do Paraguay.

Mezes depois o conselheiro Lopes Gama foi a seu pedido passado á disponibilidade até 1867, em que voltou á vida activa sendo nomeado encarregado de negocios em Madrid.

Em 1871 foi promovido a ministro residente na mesma corte, e n'esse cargo se conservou em Madrid gosando geraes sympathias, atravez de todas as convulsões porque a Hespanha passou n'estes ultimos annos, até agora, que promovido a ministro plenipotenciario foi nomeado para occupar o importantissimo cargo de representante do imperio do Brazil na corte de Lisboa.

A nomeação do sr. Conselheiro Lopes para Lisboa foi muito bem accete pela colonia brasileira, que o respeita e estima como um dos seus mais honrados e illustres compatriotas.

UMA VISTA DA FIGUEIRA DA FOZ

Em o n.º 145 do OCCIDENTE publicámos uma outra gravura d'esta cidade e por essa occasião se deu uma noticia a seu respeito, hoje referimo-nos á gravura que vaé a paginas 45 e que representa parte da rua Formosa, em que se veem algumas construcções novas, das muitas que modernamente se tem feito n'aquella cidade, e que muito tem concorrido para o embellezamento e importancia da Figueira.

Analysando a gravura, vê-se que as habitações tem jardins annexos, o que lhes dá muita belleza e magnificas condições hygienicas, a par do pittoresco que produzem os massios de verdura por entre a casaria branca do mais encantador aspecto.

A Figueira, que tem a sua historia gloriosa no passado, e que foi patria do grande patriota e juriconsulto Manuel Fernandes Thomaz, terá o seu logar importante na moderna civilização, porque assim lh'o garante a sua magnifica situação geographica e a dedicacão dos seus filhos pelo trabalho e amor ao progresso.

A CEIFEIRA

(Quadro de Manoel de Macedo)

A nossa gravura representa uma ceifeira do alto minho, com os seus costumes pittorescos e excéntricos que constituem uma verdadeira riqueza artistica para os pintores do nosso paiz.

E' mais um estudo dos costumes nacionaes da vasta e opulenta galeria de Manoel de Macedo, um dos poucos que sabe avaliar e explorar o pittoresco portuguez.

SEGUNDO SALÃO DE QUADROS

II

Tres pacificas vaccas estão na arribana (n.º 2 da gravura publicada), uma arribana agazalhada e de paredes escuras; ha uma vaga sombra e, a serenidade longamente ruminante dos gordos

animaes, deve estar um pouco adormecida ainda pelo ar tepido e penetrado d'um estrumoso odor. A' direita, uma vacca malhada de preto e branco, deixou-se cahir pesadamente no chão, e a sua corpulencia desengonçada tornou-se uma enorme massa de carne erriçada de saliencias agudas de ossos, emquanto que ao fim se alonga a cachaceira esgalgada segurando a grossa cabeça pendente, enflorada de azas corneas, n'uma sensível apparencia de martello phantastico. Ha já aqui um admiravel poder de observação e rigoroso desenho, não fallando da justeza perfeita na côr do pello sujo e vagamente amarelado nas partes brancas; mas é na vacca do centro, posta n'um favoravel escorço que é quasi perfil, que esse poder observador se torna prodigioso, pondo-nos em frente d'um animal vivo e de boa saude, mostrando que preenche regularmente os seus graves deveres de fêmea por certa distensão abdominal e roliça, e de cuja existencia real nós não nos atrevemos a duvidar com extraordinario mau gosto, mesmo apesar de a vermos sómente pintada. Um d'estes mysterios inexplicaveis que singularmente sabem operar os grandes talentos! Querem agora que eu consigne que é admiravelmente correcto o desenho, e inexcelsivelmente justa a côr também preta e branca, na sua variedade esbatida e trabalhosa de tons caracteristicos? É inutil, e prefiro não tocar mais, entusiasticamente, n'esse bello primor d'arte, e passar á analyse da terceira vacca, posta á esquerda, a qual completa harmonicamente o quadro bastante vasto. Esta é de luzente pello fulvo, e deforma-se n'um violento escorço, que fez dizer a criticos extremadamente severos e sagazes e eruditos, que a vacca está «mettida em perspectiva», como se houvesse já mais ou podesse vir a haver alguma coisa n'um quadro que não devesse estar em perspectiva! Esta vacca transmontana tem quasi proporções de boi, — tal como as que eu tenho visto; as tonalidades luzidas do pello entre avermelhado e amarello são perfeitamente certas; mas o desenho geral d'aquelle ingrato e trabalhoso escorço parece-me infeliz por vezes, e notoriamente nas pernas trazeiras da vacca, exaggeradamente grossas e defeituosas. Pois, que diabo! tem-se muito talento, mas também se impaciencia uma pessoa com as inexoraveis massadas.

O caso bem patente e regosijante é que vendo esta estreia victoriosa de Silva Porto, como animalista que começa logo por estudar confiantemente os seus modêlos inquietos sob os mais difficeis aspectos, Troyon daria decerto um bom aperto de mão cordeal ao nosso artista; Rosa Bonheur e o irmão, saudando-o, talvez lá no seu intimo fundo estimassem que elle nascesse portuguez, e em Portugal esteja vegetando, atrophiado e obscuro n'este ignobil paiz onde os talentos d'arte se assolapam, miseramente, como finas perolas cahidas n'um atoleiro; e Van Marcke, esse creio que sentiria um mordente ciume, como uma nuvem importuna passando por toda a luz da sua reputação europêa. Entretanto, o que positivamente succede é que o nome de Annuniação, ficando com o seu merito inabalavel, vê-se agora desadornado d'aquella vaga lenda que se andava enroscando apaixonadamente em torno d'elle, fazendo-o já o primeiro e unico grande animalista portuguez.

Eis, quanto a mim, e vagamente definido, o que vale o quadro magnifico de Silva Porto, que é uma revelação superior e portanto deve justamente marcar época na sua bella vida artistica. Direi agora a correr, visto que o espaço me foge, alguma coisa breve sobre a sua rica exposição de variadas paisagens.

Uma d'ellas, que Silva Porto apanhou flagrantemente nas margens do Douro perto do Porto, larga vista de collinas montuosas revestidas das implacaveis vegetações verdeneiras de todo o valle duriense, e tendo no primeiro plano a descoberto um pedaço sereno de rio, onde pequenos barcos erguem toldos e velas branquejantes, carregados de lavadeiras garridas, é dos primeiros na obra do artista. Que verdade e que character! Vem depois, como alegria magiosa de côr, um effeito deliciosamente dourado de pôr do sol, n'um sitio pittoresco do alto Minho; mas é difficil escolher mais d'entre as paisagens expostas, velhas e toscas pontes minhotas com lavadeiras ajoelhadas ao pé, e corpulentos bois bebendo, verdeneiros retalhos de pinhal dos arrabaldes do Porto, bocados verdejantes de campo pintados ao acaso; e estudos admiraveis d'animaes, e pequenos quadros de marinhas, uma veneziana, outra refinadamente portugueza representando barcos de sal d'Alcochete; bateis perdidos n'uma praia sob o immenso azul ridente; e frescas paisagens do Mondego decantado, e viellas cidadescas, e finalmente uma deliciosa cabeça de

campeza do Minho, onde Silva Porto magistralmente mostra como um pincel habituado a pintar espessas arvores, sabe também tocar delicadamente carnes ruborejantes de vida. Já vêem, é uma exposição mais que opulenta e surpreendente, esta de Silva Porto.

Passo do primoroso mestre a um artista de valente pulso, como já aqui lhe chamei justiceiramente; é Malhõa. A sua collecção de paisagens é também rica e variadissima, e uma das melhores é notavelmente a *Parreira*, (n.º 5) — a que Silva Porto e eu, no nosso talvez mais expressivo dialecto do norte, chamariamos *Ramada*. Ha n'este quadro uma superabundante riqueza de côr que logo o torna attraente; a factura é larga, feliz e vigorosa, e sobre o campo e a verdejante parreira onde cachos já vagamente dourados pendem, cáe um sol exultante do meio dia que afoga tudo em luz faiscante, penetrando por vezes as folhagens compactas e dando-lhes luminosamente umas frescas transparencias. Mas esta alegria dardejante de sol nos primeiros planos, torna saliente um defeito lamentavel no ultimo; alli alastra-se, fechando o quadro, uma espessa e impenetravel negrura d'arvoredos, que para serem tão rigorosamente denegridos precisavam só d'estas cousas, — não estarem elles também sob aquella forte luz do meio dia, e acharem-se, pelo contrario, sob a serena e branda luz dos crepusculos estivaes; porém, o contraste tal como é no quadro torna-se violento e impossivel, lembrando precisamente um effeito scenographico. Quem sabe se Malhõa, que tem um demonio de temperamento francamente meridional, se embriagara com aquelle luxu resplandecente de côr e de sol, deixando-se arrastar pela traiçoeira palheta n'um ardor d'effeitos brilhantes, mas nada amigos da natureza verdadeira? O certo é que o quadro, com o seu bello effeito perspectico, e com as roupas estendidas, e as figuras vistosas de lavadeiras que o animam á farta sombra da parreira, tem um grande e real valor, sendo um dos melhores e dos mais alegres da exposição.

Como paysagista, mostra já Malhõa um firme progresso; mas a sua pura revelação d'este anno é a segurança pujante com que inesperadamente nos apparece desenhando e pintando figura, manifestações quasi repentinas d'uma notavel aptidão decorativa, largamente provada nos esbocetos para tectos já pintados, *Euterpe*, e a *Justiça*.

Do sr. Vaz pôde-se dizer que não parece o mesmo pintor, que d'outras vezes se tem apresentado tão hesitantemente. A sua exposição além de numerosa de quadros, é toda ella estimavel porque em cada um ha qualidades fortes de talento, por entre sensíveis defeitos; e o que torna isto mais significativo e promettedor, é que esses quadros tocam generos completamente diversos, cabeças d'estudo, um salão opulento do seculo passado com um enorme repositório amarello admiravelmente pintado, paysagens, marinhas, e um delicioso estudo d'um vasto portico manuelino exoticamente avermelhado, e d'uma bella execução. Em novembro (n.º 3) é um quadro tão sereno de côr e tão penetrantemente outomnal, que chega a dar uma sensação melancholica. Eis as grandes arvores nuas de folhas, emmaranhando-se em confusões de ramarias esqueleticas; ao longe anda aereamente uma ligeira bruma, que vela um tanto a larga massa de mais arvoredos desolados; e á esquerda, passa um regato pautadamente encanado entre altos muros, pobre d'aguas sujas onde se immobilizam fluctuações de folhas seccas. Talvez a exigente perspectiva do quadro não esteja rigorosamente estudada; não é com certeza feliz o desenho dos dois dispensaveis garotos que se estendem sobre as relvas tenras e frescas do primeiro plano; mas o harmonico e triste conjunto da paisagem sob aquelle dia chuvoso encanta, e a monumental cruz de pedra que pesadamente se ergue no meio das arvores, dá-lhe não sei que indefinivel character austero e religioso.

E *Santo Amaro* (n.º 4) o quadro mais notavel, como execução, apresentado pelo sr. Pinto. Que admiravel effeito perspectico! O artista fez n'esta vigorosa tela um prodigio d'estudo, e tocou á direita com tal frescura larga e justa de côr, um pedaço monotono e mattagoso de charneca onde pequenos pinheiros vegetam, que gostosamente se lhe perdôa o modo minucioso e um tanto mesquinho porque se poz a tocar as verdeneiras ramarias dos pinheiros mansos, que á esquerda perfilam irregulares e largas manchas no ceu serenamente azul. E se ha no quadro cousa que peque absolutamente, é esta atmosfera d'um azul por vezes agado, debilmente pintado, e d'um aspecto desconsolador, sobretudo por cobrir aquella rude paisagem perfeitamente estudada.

(Continúa.)

Monteiro Ramalho.

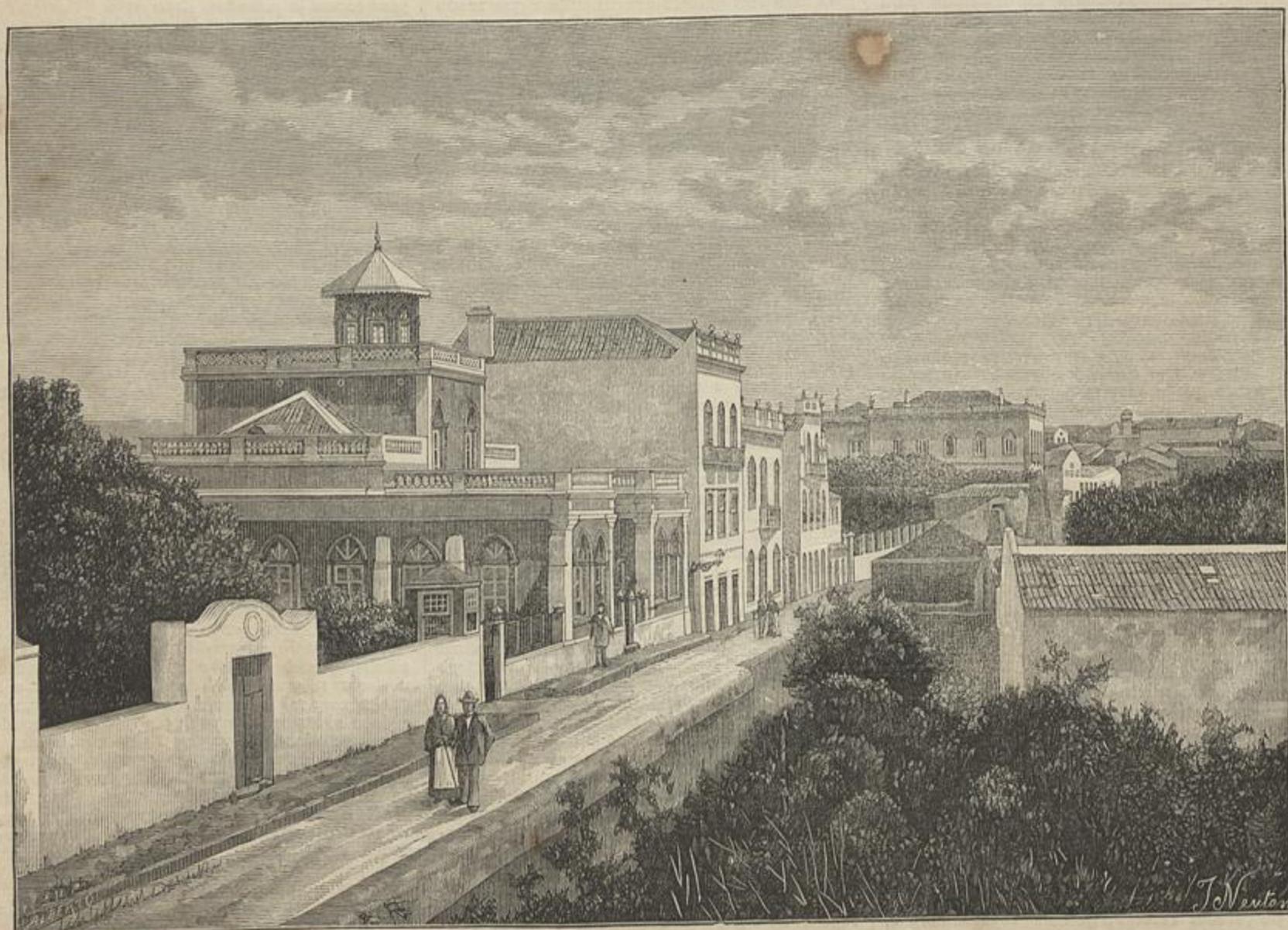


JULIA POTEL (Segundo uma photographia de Cayol Frères)



J. HASSELMANS (Segundo uma photographia de Brion)

Vid. artigo «A Lauriane» de Augusto Machado



UMA VISTA DA FIGUEIRA DA FOZ (Segundo uma photographia de Ubaldi)

EXPOSIÇÃO DE CERAMICA

NO PORTO

III

(Conclusão)

Occupando-nos n'este artigo dos productos da industria actual, cumpre collocar em primeiro lugar os artefactos de porcellana da importante fabrica da Vista Alegre. Preenchia ella uma parte distinctissima na exposição, não só pela variedade e quantidade de objectos como pela primorosa fabricação de muitos d'elles. Se por vezes em questão de fórma e de desenho, a louça d'aquella manufactura não offerecia um cunho de originalidade que a destacasse da que é importada do estrangeiro, ainda assim dava ella uma prova exuberante da pericia dos nossos artifices e da perfeição que tem attingido aquella industria sob a actividade intelligente do actual proprietario do estabelecimento.

Uma recommendação ainda de todo o ponto favoravel para os productos da Vista Alegre é o preço economico porque são vendidos e por este facto se explica a procura que tiveram na exposição.

Como elemento valioso para o estudo do progresso da fabrica de que se trata, apresentava ella a collecção que resta do seu curioso museu ceramico, destruido em grande parte por um incendio que ha annos devorou o estabelecimento.

A abundante e preciosa secção da Vista Alegre, teve entre outras vantagens a de convencer o publico de que só um requinte de luxo e uma excessiva ostentação de opulencia, pôdem compellir hoje os compradores a fornecerem-se dos productos da industria estranha em detrimento da protecção que deve merecer o fabrico nacional



COSTUMES PORTUGUEZES — UMA CEIFEIRA DA PROVINCIA DO MINHO

(Desenho do natural por M. de Macedo)

quando se apresenta em condições de preço e de factura como as que patenteou a Vista Alegre.

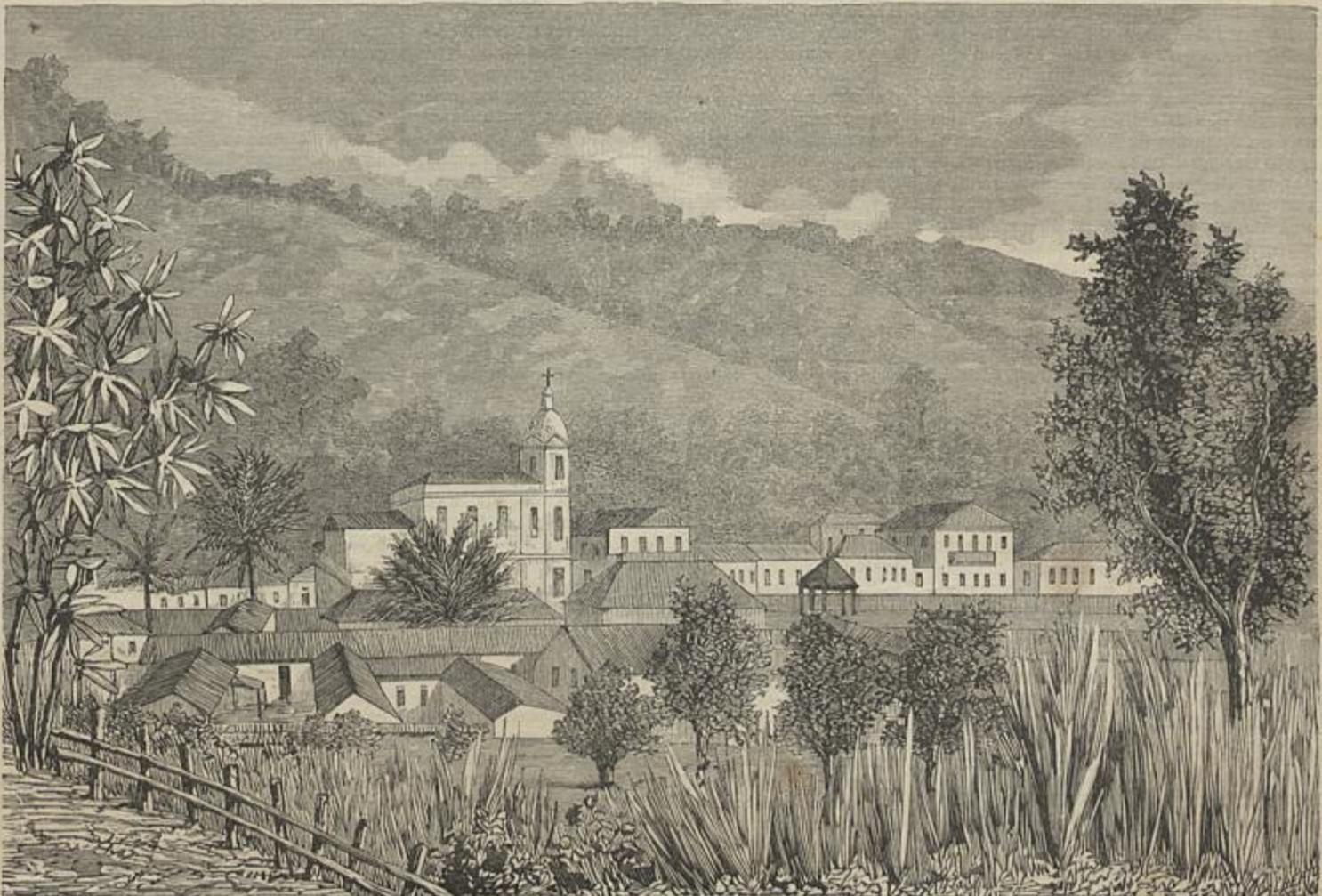
A fayença estava por igual muito bem representada por diversos fabricantes de Lisboa e Porto, tornando-se sobre modo notavel a barateza dos serviços de lavatorio, de meza e de chá expostos pelo sr. Baudoin, de Lisboa e pelas fabricas de Massarellos, do Carvalhinho e do Cavaco.

A manufactura de Sacavem apresentou-se dignamente, primando os seus productos quer pela boa preparação da materia, quer pelo bem cuidado fabrico. Pena é porém que a pouca variedade de padrões torne tão uniforme, em ornamentação, a louça que offerece ao mercado. Desenhos identicos, quasi sempre, e apenas diversidade de cor. Este facto deve merecer a attenção da direcção technica d'aquelle estabelecimento, no sentido de procurar innovar typos decorativos que dupliquem, pela sua belleza, o apreço em que são tidos os seus artefactos, recommendaveis por qualidades de manipulação e de cozadura.

Não devemos deixar despercebida pelo muito que attrahiu a attenção dos visitantes, a collecção de pratos no genero das majolicas italianas, exposta pelo sr. Cifka, de Lisboa. Esses pratos, cuidadosamente pintados com abundancia de figuras representando scenas mythologicas e outras, imitavam bem o antigo e tornavam-se por isso dignos de verdadeiro apreço.

O custo elevado que muitos notavam n'esses objectos justifica se pela dificuldade de producção, bem facil de avaliar, de um tal genero de louça e pelo risco que corre o seu fabrico, visto uma simples contrariedade de cozadura poder annullar o fructo de um trabalho aturadissimo e quantioso.

Uma das fabricas que mais



BRAZIL — CIDADE DE CANTAGALLO, VISTA DO MORRO (Segundo um desenho de Lopes Mendes) Vid. artigo Carta de Lopes Mendes, etc.

se extremou pela diversidade e belleza dos seus artefactos foi a das Devezas, pertencente á firma Antonio de Almeida Costa & C.^a Poucos estabelecimentos industriaes existirão no paiz que em tão pouco tempo tenham prosperado mais do que aquelle. A sua labutação estende-se desde o fabrico do simples tijolo até ao do vaso mais ornamentado. Azulejos, louça ordinaria, tubos de grés, telha de Marselha, botijas para cerveja e genebra perfeitamente iguaes ás que veem de fóra, frascos para tinta, objectos decorativos para jardim e interior de casas, chaminés de phantasia, vasos, costumes populares, bustos de homens notaveis, estatuas, etc., eis o que quotidianamente sahe das vastas officinas d'aquelle importante laboratorio industrial.

Os materiaes de construcção attestam uma completa solidez e os artefactos que requerem uma modellação artistica, assignalam-se pela sua perfeição e bom gosto.

Estes requisitos não vulgares, explicam-se não só pelo estudo constante e intelligente dos proprietarios da fabrica, que são ao mesmo tempo os seus directores, como pelos conhecimentos que possui um d'elles, o sr. Teixeira Lopes, escultor de merecimento comprovado, que completára a sua educação artistica nas escolas de Paris.

Com taes elementos, uma industria assim explorada habilmente deve desenvolver-se e prosperar e é isso o que está succedendo. Os srs. Costa e Teixeira Lopes ainda ha pouco fizeram uma visita ao estrangeiro, que lhes devia ter servido de proveitosissima lição. O jury da exposição de ceramica de que estamos tratando, conferiu-lhes com justiça, dois dos premios do governo.

Na referida exposição exhibiu-se ainda a boa louça preta da mesma viuva Soares Rego, as fayenças de Coimbra, curiosas pelos seus padrões de reminiscencias orientaes, de Aveiro, dos srs. Guimarães & Norberto, da ilha de S. Miguel, do sr. Manuel Leite Pereira, e finalmente diversos objectos muito bem modellados em kaolino e biscoito, do sr. Francisco Patoilo, de Ilhavo.

A collecção de vasos de fayença era variada e opulenta, destacando-se os da mesma viuva Lamego, de Lisboa, principalmente os ornamentados com folhas de carvalho e landras. Não menos dignos de apreço eram os das fabricas de Massarelos, Nacional de Lisboa, Valle Piedade e do Cavaco.

Em azulejos modernos havia profusão de typos, sendo excellentes os apresentados pela mesma viuva Lamego. N'esta secção distinguiram-se ainda os srs. Bandoim, Sousa Lima e Cunha e Silva, do Porto, Guimarães & Norberto, de Aveiro e a fabrica das Devezas que expôz algumas tentativas felizes de azulejos polychromes, taes como os quadros que representavam uma lavradeira dos arredores d'esta cidade, uma mulher com uma criança ao collo, uma paisagem, azul, de bello effeito, o retrato de um rapaz e o do proprietario da fabrica o sr. Costa imitando o desenho a crayão.

Finalmente completavam este certamen magnificante, as numerosas estampas e photographias expostas pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, a variada collecção de ladrilhos mosaicos, de producção nacional, as de pequenas figuras de barro, copia de costumes populares e religiosos etc.

Por esquecimento, deixámos de fallar, no lugar respectivo, da interessante louça das Caldas. Estava mingudadamente representada, sendo necessario, para reunir o que ali havia, recorrer a varias lojas d'esta cidade. Assim, pouco ou nada de novo se via n'essa secção o que se lamentou com justificada causa, attenta a originalidade e a perfeição da louça d'aquella procedencia, quando n'ella, em especialidade, são imitados diversos productos da natureza.

E aqui terminamos a rapida revista da exposição, tentiva feliz e louvavel da activa Sociedade de Instrucção, que viu secundados os seus esforços pelo congresso de olaria em que se adoptaram resoluções de incontestavel proveito para o futuro d'aquella industria e para a educação artistica dos que n'ella se empregam.

A iniciativa particular, pois, mais uma vez operou o milagre de se organizar um certamen d'aquella alcance e importancia, sem que o estado tivesse de concorrer com mais do que algumas poucas centenas de mil réis, para premios aos expositores, facto não muito vulgar entre nós.

Exemplo bem frisante de desinteresse, dedicação e boa vontade!

Manoel M. Rodrigues.

O MARQUEZ DE SALAMANCA

A Hespanha perdeu em poucos dias, dois dos seus filhos mais notaveis nos tempos modernos.

O marquez de Comillas D. Antonio Lopes y Lopes, e o marquez de Salamanca, D. José de Salamanca e Meyol; o primeiro nascido de paes humildes, mas honrados alcança pelo trabalho uma fortuna collossal, que administra com genio e prudencia, empregando-a toda em desenvolver a industria, o commercio e a marinha da sua patria, e morre como um heroe, legando á sua familia a enormidade de 278000 contos de réis; o segundo nascido de paes, mais que remediados, mas activo, emprehendedor e movediço como certos grandes capitalistas dos Estados Unidos, ora ostentava a grandeza e luxo de um nababo, ora se via quasi reduzido á miseria, para d'alli a pouco tornar a receber os milhões com uma das mãos, e a despendel-os com a outra.

As demonstrações funebres prestadas a estes dois grandes emprehendedores, pelo povo hespanhol, mostra que elle comprehende que em cada um dos ramos, de que se compõe a vida nacional póde apparecer um homem, que é a encarnação, o genio providencial d'ella, e que esse homem tem tanto direito a figurar na galeria dos varões illustres como o sabio, o guerreiro, o homem de letras, o artista.

Deixemos á Hespanha glorificar o primeiro, e fallemos do segundo a quem Portugal, não menos que a nossa irmã, deve grande parte do seu desenvolvimento moderno.

D. José de Salamanca nasceu em Malaga em 1811. Filho de um medico abastado, do mesmo nome, acostumou-se no seio da casa paterna aos commodos e regalos de uma vida desafogada.

Achava-se em 1831 frequentando o curso de direito quando rebentou um pronunciamento na ilha de S. Fernando, dirigido desde Gibraltar pelo general Torrijos.

Vencida essa sublevação, mencionava-se no processo um paisano muito alto e magro, cujo nome se não conhecia, era o joven estudante que escapou á sorte dos mais implicados.

Ao mesmo tempo que o general governador enviava a Madrid o joven Serrano com os officios que hiam ser respondidos pela ordem de fuzilamento, partia D. José Salamanca, em dedicação generosa a ver se alcançava o perdão dos infelizes.

Concluindo o curso de direito aos vinte e dois annos, foi logo nomeado *alcalde mayor* de Monovar, por influencia de seu pae, soffrendo então um ataque de colera-morbus.

Quando morreu o rei levantou-se a guerra civil geral em Hespanha entre liberaes e realistas. Salamanca desarma o batalhão realista, organisa um de urbanos, de que é eleito chefe, apesar de joven. Saindo com forças liberaes em perseguição do chefe carlista Abojado, obrigou-o a refugir-se em Alicante, onde o fizeram prisioneiro. Espartero desembarca n'aquelle porto, tomando em muita consideração os serviços do joven chefe.

Pouco depois 1835, foi transferido para a Alcaidia maior de Vera, casando n'esse anno.

Quando rebentou a sublevação contra o conde de Tereno, já tinha tanta importancia na provincia que foi nomeado membro da junta revolucionaria de Sevilha. Em 1836 foi eleito deputado, e em 1838 juiz de 1.^a instancia de Madrid, de que parece não ter tomado posse.

O seu genio, porém, ousado, irrequieto, e emprehendedor não lhe consentia seguir caminho tão trilhado.

Associando-se com um capitalista, Buschental, occupava-se já em 1839 de operações da Bolsa e do Thesouro, e tal habilidade mostrou nos negocios fazendarios que em 1841 era encarregado pelo governo de realizar em Londres a conversão dos *coupons* do 5 % que não se pagavam desde 1836. Conseguiu-o, dando então origem á renda consolidada de 3 % que acaba de desaparecer em Hespanha, ao mesmo tempo que o seu creador.

Em 1841, primeiro em sociedade, depois só, obteve a adjudicação do estanco do sal. Essa renda que até ahi produzia 29 milhões, foi por elle levada a 49, devolvendo-a, no fim do contrato elevada a 90.

Esta empresa mercantil e financeira, era ao mesmo tempo uma grande influencia politica. Gozando talvez de mais privilegios do que o nosso antigo contracto do tabaco, era um pequeno Estado no Estado. Os fios da politica estavam então nas mãos de Salamanca. Todos os partidos concordavam os seus planos, e revelavam os seus misterios no gabinete de Salamanca. Era este o ponto onde se concentravam todos os assumptos importantes da vida nacional e como diz um seu biographo: Salamanca era uma força e uma intelligencia.

Ao mesmo tempo que a sua casa offerencia refugio aos grandes conspiradores politicos, as suas repartições davam trabalho e sustento aquelles

que as alterações politicas lançavam na miseria. Não tinha ressentimentos, era leal para todos, e prompto a congraçar-se com os seus adversarios.

A sua vida, desde então era a de um principe, mas de um principe da *Mil e uma noites*.

Altas e baixas da bolsa ora o levantavam, ora o abaixavam, sem que descorçoasse ou mostrasse o minimo desgosto.

Os emprezarios do circo, do theatro italiano, do baile, todos lhe communicavam os seus desaes e afflicções: a tudo remediava, a tudo provia.

Sob a sua influencia viram os madrilenos, pela primeira vez, esteirados os corredores, e atapetadas as escadas do circo, um corpo de baile de formosuras que causava o prazer dos seus patricios. Salamanca não era indifferente aos gosos da vida.

Creou uma academia de jovens hespanholas, de uma belleza selecta, para fornecer o corpo de baile, e taes eram, que entre ellas escolheram esposas, um infante, varios grandes de Hespanha, banqueiros, funcionarios e individuos das melhores familias de Madrid.

Seria impossivel referir em poucas palavras todos os melhoramentos e beneficios que Salamanca promoveu.

(Continúa).

R. G.

O IMPERIO DE MARROCOS

NOVA LEGAÇÃO PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 138)

As relações entre as costas septentrionaes da Africa e as meridionaes da peninsula iberica, tem sido sempre mais ou menos constantes.

Uma especie de fluxo e refluxo de civilisação com largos periodos de intervallo tem sido entretido entre uma e outra região.

Os cartaginezes aoproando ás costas ibericas, aqui se estabeleceram, e firmado no solo hispano, Hannibal atravessou os Alpes e invadiu a Italia. Por seu turno as hostes romanas, apoiadas na Hespanha, destroem o poder de Carthago e dominam o norte da Africa.

Quando a potencia de Roma declina e os barbaros, cahindo sobre o romano imperio, conquistam a Hespanha e se subdividem em varios estados, os suevos, acossados pelos wisigodos, passam da Hespanha á Africa, e ahi fundam um novo reino.

Pouco tempo dura o seu socego, o imperio wisigodo atravessa o estreito e domina parte do littoral.

No entanto surge o imperio dos Khalifas do Oriente, e ell-o que se estende até aos confins occidentaes da Africa ao *Magreb-el-acsá*.

Musa-ben-Noseir e Tarik-ben-Zeïad invadem por seu turno a Hespanha, destroem o imperio semi-barbaro dos wisigodos, e com os Omyades espalha-se na peninsula a civilisação oriental. As sciencias, as artes, as letras são trazidas nos perfumes do oriente.

Mas a conquista fizera derramar muito sangue, e os valentes insepultos devorados pelas feras, as virgens e as esposas violadas ou trazidas aos harens, e os mancebos escravizados clamavam constantemente vingança.

O pequeno reino de Portugal, nascido no fim do seculo xi, ramo virente do reino de Leão, ao fim de seculo e meio de existencia tinha varrido do solo portuguez os sectarios do Islam, e depois de, por mais de uma vez, ter acudido ao grande reino de Castella, receiosos perante o poder musulmano, ia, quando contava apenas tres seculos, solver sobre o solo africano o repto lançado á face dos godos nos campos do Guadalete sete seculos havia.

Desde os primeiros tempos da monarchia os portuguezes frequentavam as costas africanas, e desde o tempo de D. Affonso iv haviam posto pé em Africa, apoderando-se das ilhas Canarias.

Havia muitas relações entre uma e outra região. O paiz estava coberto de uma basta população moirisca e israelita; estes exerciam muitas profissões de todo o genero e classe, e aquelles se entregavam a outras, e em geral pesava sobre elles a escravidão, sendo principalmente na parte sul onde ella estava mais desenvolvida.

D. João i saltou em Africa, e logo Ceuta lhe caiu nas mãos (1515). O destino providencial d'este pequeno povo estava começado a cumprir-se.

Em meio seculo as raizes lançadas sobre a terra africana eram bastas e profundas: occupavamos a maior parte do littoral desde Ceuta, e talvez do Pinhão até o cabo de Gué; pouco faltou, uma ou outra vez, para que a capital de Marrocos cahisse em nosso poder.

Ainda sobre parte do territorio de Hespanha reinava um rei musulmano, já os portuguezes

tinham descoberto varios archipelagos importantes, percorrido toda a costa occidental de Africa, dobrado o cabo tormentoso, que um rei previente chamára da Boa Esperança, e quem sabe se naufragado sobre alguma plaga do novo continente.

(Continúa.)

J. B.

CARTAS DE A. LOPES MENDES

AO SEU AMIGO

DR. AUGUSTO CESAR DA SILVA MATTOS

2.^a Carta

(Conclusão)

Cantagallo deriva o seu nome do seguinte facto: Dizem que pelos fins do seculo passado um contrabandista de ouro, conhecido pela alcunha de *Mão de Lupa*, sahio da provincia de Minas Geraes, atravessou o rio Parahyba no lugar designado actualmente *Porto-Velho do Cunha*, e veio procurar esse metal onde hoje está situada a cidade de Cantagallo.

Denunciado aos guardas do rei, pelo canto de um gallo, que tinha em sua companhia (origem da denominação da cidade em homenagem ao inconsciente gallo denunciante) foi *Mão de Lupa* preso e depois exilado para o Rio Grande do Sul, onde morreu.

Depois da prisão de *Mão de Lupa* estabeleceu aqui o governo uma lavra de mineração sobre a direcção de um superintendente. Foi este o primeiro estabelecimento de Cantagallo, e o começo da sua povoação. A superintendencia foi extincta no principio de seculo actual pelas despesas excederem a receita.

Pelo bando de 18 de outubro de 1786 facultou o vice-rei Luiz de Vasconcellos as terras de Cantagallo aos colonos que n'ellas se quizessem estabelecer; o que determinou uma torrente de emigração que, em pouco tempo, fez de Cantagallo um dos mais importantes municipios da provincia do Rio de Janeiro, pela cultura do café (*coffea*, de Linneo).

Por portaria de 9 de outubro de 1786, foi criada a freguezia de Cantagallo sob a invocação do *Santissimo Sacramento*. Por alvará de 9 de março de 1844 foi elevada á cathedra de villa com o nome de S. Pedro de Cantagallo; e á de cidade, pela lei provincial n.º 965, de 2 de outubro de 1847.

A população livre do município é de, aproximadamente, 30.000 almas; e a escrava será de 21:000.

A agricultura é a principal occupação dos habitantes de Cantagallo; sendo a cultura do café a predominante.

O terreno vulgarmente denominado *Pizé*, ou argilloso oxydulado, assente sobre *gneiss* é o predominante em todo o município, e considerado o mais proprio para o cafeeiro, que n'elle se desenvolve e produz admiravelmente. Agora estão os fazendeiros, ou cultivadores de café, adoptando nas novas plantações o cafeeiro designado *Maragogipe*, que se recommenda por ser mais vantajoso na producção e no valor do mercado.

Não tratarei hoje da cultura do café, de suas vantagens e inconvenientes, e de outras culturas particulares d'esta região agricola, por não ter ainda completo conhecimento d'ellas.

Em outra carta lhe descreverei as impressões recebidas na visita que fiz á *chácara de M.^{me} Scheiner*, em companhia de seu presado genro, o sr. Dr. A. Augusto Pereira Lima, distinctissimo advogado e deputado provincial: fallar-lhe-hei tambem do sumptuoso *Palacio do Gavião*, pertencente ao sr. Barão de Nova Friburgo; da catarata denominada *Ronca Pau*, e da bellissima Fazenda de *Santo Antonio do Rio Negro*, pertencente á familia de Pereira de Mello, e do qual lhe envio o desenho. Os outros desenhos, que pude tirar, apesar do mau tempo, irão com as descrições respectivas.

Cantagallo é tambem cabeça de comarca; e comprehende além do termo do mesmo nome de Nova Friburgo, que estanca na vertente septentrional da Montanha da Boa Vista, n'um amplo valle de natureza granitica, a 880 metros acima do nivel do mar.

Nova Friburgo é uma povoação risonha e muito frequentada por familias de tratamento na estação calmosa.

A respeito da sua fundação, pude colher os seguintes esclarecimentos:

Em 1823, sendo ministro o conselheiro José Bonifacio de Andrade e Silva foi mandado o major George Antonio Scheffer contratar em Alemanha colonos para as colonias *Leopoldina* e *Frankenthal* (a que me referi na minha segunda carta) estabelecidas desde 1816 nas margens dos rios *Caravelhas*—onde Alvares Cabral aportou, em 1500, com

as suas *caravellas*, quando descobriu o Brazil—e *Viçosa* na Bahia, em terrenos pertencentes ao mesmo major Scheffer e Guilherme Freieiss. Não se sabe, porém, o motivo porque foram esses colonos desviados do seu destino, e enviados para *Nova Friburgo*, onde chegaram no dia 3 de maio de 1824.

Em 1831, a administração colonial passou para o dominio da gerencia da camara municipal de Nova Friburgo; municipalidade que conta hoje quatro freguezias.

Nova Friburgo foi fundada na sesmaria do *Morro Queimado* por monsenhor Miranda, no fim do anno de 1819 e principio de 1820; época em que chegaram aqui os colonos enviados da Suissa por Gachet e o consul da confederação Helvetica J. B. Bremant.

Os colonos suissos, não só se estabeleceram em Nova Friburgo e Cantagallo, mas em outros districtos da provincia. Aqui deixaram elles uma grande descendencia com os caracteres da raça progenitora, que por toda a parte se observam.

Brevemente lhe escreverei com mais desenvolvimento. Prefiro antes espaçar as minhas cartas a escrever sob as primeiras impressões, que nem sempre são as mais seguras para exprimir a verdade.

A. Lopes Mendes.

O AMIGO VISCONDE

IV

Á porta da casa de Leonide, o visconde insistiu com Alvaro para que subisse um instante; mas Alvaro indeciso, sentindo ainda certos escrúpulos d'entrar já na casa d'uma creatura como Leonide, recusava-se yagamente. O visconde, percebendo o motivo, insistia impaciente.

—Anda, homem! — e impellia-o pelas costas — Anda, não sejas piegas. Sobe.

—Mas, Luiz...

E Alvaro então, um pouco sobresaltado, a tremer, como uma virgem que faz o derradeiro sacrificio do seu pudor á porta d'um quarto, entrou resolutamente, e subiu até o segundo andar. O visconde, que ia atraz, sorria-se.

A vista de Leonide, todos os receios, todas as perturbações, todos os escrúpulos de deslealdade de Alvaro se dissiparam n'um momento. Ella exercia ali o poder sobrenatural das Santas, que nos quadros de milagres, apparecem suspensas no alto espaço azul, aureoladas por um resplendor divino, para applicarem, de repente, as fúrias pavorosas das grandes tempestades!

Estava n'esse dia encantadôra!

Conservava ainda a *toilette* da manhã: um roupão de flanela branca com cabeção e guarnição de seda azul claro. O cabello um pouco crespo á frente, sobre a testa, tinha ainda o tom secco e cru do calor da cama.

Alvaro sentou-se no sofá, junto d'ella, emquanto o visconde sahio.

Fallaram de coisas serias, da viagem, do tempo. —Estava bonito aquelle gabinete! —gabava elle, olhando em redor. —Tinha sido o visconde que lh'o tinha mobilado?

—Não — respondeu ella, brincando com um anel de rubis, que tinha no dedo minimo.

—Então quem foi?

E ella respondeu logo, naturalmente, que tinha sido o outro. E proferiu o nome.

—Oh! — exclamou Alvaro, fitando-a com insistencia.

Leonide sorria-se, baixando os olhos,

—É o meu banqueiro! — disse elle.

Ao lado do sofá havia dois *pliants* estofados, cobertos com as capas de linho cru. Sobre um contador de *bouille* com incrustações doiradas estava uma jarra grande com um ramo de flores naturaes. Na parede, uma gravura representava a *Tentação de Santo Antão*. O velho ermita, ao fundo, no interior da sua caverna da Thebaida tinha a fronte abatida sobre as mãos, cruzadas sobre uma caveira. Do alto descia obliquamente sobre o velho asceta um raio de luz celestial. Á frente do quadro, a visão, a *Mulher* tentadôra, apparecia, em todo o esplendor sensual da sua carne, com os braços levantados no ar, sustendo a côma abundante dos seus cabellos loiros, que lhe cahiam sobre os hombros e a cobriam até ao artelho, como um banho de chuva d'oiro!

Alvaro insistia em admirar o quadro, e fazia referencias amorosas a tal respeito. Oh! com certeza, abandonaria os poderes transitorios da terra, abandonaria a bemaventurança eterna do ceu, abandonaria tudo, pelo prazer de possuir nos braços uma creatura d'aquellas!

Em frente d'elles um espelho grande repro-

duzia-os. E Leonide, repetidas vezes ao falar-lhe, mirava-se com amor. Alvaro esteve um momento callado, com a garganta secca, a olhar-lhe uma pontinha da chinella de setim que surdia de baixo do roupão. De repente, n'um impeto, segurou-lhe a mão, e, deitando-se a ella, deu-lhe um beijo de lado na orelhinha côr de rosa. Leonide saccudia-o, a rir, olhando-o maliciosamente com a cabecinha baixa, e dizendo-lhe que não fizesse tolices.

—*Soyez sage!*

Mas o visconde entrou; e tirando do bolso a caixa da pulseira, abriu-a, e mostrou-a de longe a Leonide. Ella ergueu-se logo d'um salto, com quebros ondeados de gata atrahida, pedindo com meiguice que a deixasse vêr.

O visconde fugia, levantando a caixa no ar; mas Leonide seguia-o de todos os lados, e conseguindo prendel-o, subia por elle acima, n'uma anciedade impaciente de creança. Estiveram assim algum tempo, Leonide em bicos de pés, muito collada ao amante requebrada na cintura, com os quadris salientes. O visconde, afinal, dando-lhe um beijo no alto da cabeça, entregou-lhe a pulseira. Leonide achou-a muito bonita!

—Bonita — disse o visconde — é a que o Alvaro comprou! Deixa ver.

Quando Alvaro abriu a caixa, Leonide poisou a que tinha nas mãos sobre uma mesa, e correu para elle. Alvaro entregou-lh'a. E ella, de pé, com a caixa aberta nas mãos, ficou extasiada, roçando-se-lhe um pouco nos joelhos. Como tinha os braços levantados, Alvaro de baixo via-lhe a curva graciosa dos seios; e o seu olhar descia-lhe de vagar, seguindo pela linha ondeada do corpo, que se alteava lascivamente sobre o ventre redondo. Parecia-lhe que alguma coisa de Leonide o atrahia e se apoderava de todo o seu organismo. O perfume suave e fresco, que de toda ella se exhalava, insinuava-se-lhe nos sentidos, como um philtro subtil, que o embriagava! N'uma especie de estonteamento, chegou até a abstrahir do roupão; e Leonide, n'esse momento, apparecia-lhe como a *Visão* do quadro, completamente nua, formosa, tentadora!

Quando ella lhe restituiu a caixa, com um ar infantil de pezar, Alvaro offereceu-lh'a.

—Oh! não — disse ella, fitando-o com ternura — não...

—Por caso nenhum! — disse logo o visconde. Mas Alvaro, perdido, obcecado pelo desejo de a amar e de a possuir, e estimulado pela recusa do visconde, levantou-se um pouco pallido, e instou com Leonide para que a aceitasse.

—Então, troquemos — propoz ella, sorrindo, com a cabecinha de lado.

—Não.

—Sim, senhor — disse o visconde.

Alvaro, afinal, concordou; e levou para a mulher a pulseira que o visconde comprára para a amante.

E á noite, depois do jantar, quando o visconde, sentado no sofá junto de Leonide, lhe pediu que lhe mostrasse outra vez a pulseira, ao leve contacto d'aquelle objecto, que de vera pertencer a Valentina, porque ella o tinha visto e preferido — todo o seu ser estremeceu n'uma extranha sensação de voluptuosidade, como se já possuísse entre as suas mãos uma parte do corpo d'ella!

(Continúa)

Alberto Braga.

EPHEMERIDES ARTISTICO-LITTERARIAS

(RELATIVAS A PORTUGAL)

1877. — Fevereiro 21. — É representada, pela primeira vez, no theatro do Gymnasio dramatico, em Lisboa, em beneficio da actriz Amelia Vieira, a notavel peça: *O Saltimbanco*, escripta pelo excellente dramaturgo o sr. Antonio Ennes.

1796. — 22. — É instituida a *Bibliotheca Real*.

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente: Filhos criados, cuidados dobrados.

que depois se passou denominar-se *Bibliotheca Nacional de Lisboa*.

1834.—23.—Primeira representação em Lisboa, no nosso theatro lyrico, da opera de Donizetti: *Anna Bolena*, desempenhada por Paulina Monticelli, Carolina Conti, e por Ferretti, Maggiorotti etc.

A *Anna Bolena*, que é a 32.ª opera do grande compositor italiano, foi representada pela primeira vez no theatro *Scala*, de Milão, em 1831 pela Pasta, Orlandi, Laroche e Rubini, obtendo completo triumpho.

1828.—24.—Tem logar no theatro de S. Carlos a primeira representação da opera de Marcadante: *Adriano na Syria*, desempenhada pelo Tuvo-Varese, Pedrotti, Schirotti e por Piacenti, Cartagenova etc.

1819.—25.—Morre exilado em França o eminente escriptor e insigne poeta Francisco Manuel do Nascimento, denominado pelo nome arcadico: Filinto Elysio. Costa e Silva lhe chama o *Nestor da Litteratura Portuguesa*. O seu enterro foi feito á custa do marquez de Marialva, então nosso embaixador n'aquella côrte sendo o seu expolio vendido por 12\$000 réis. Os seus despojos mortaes foram trasladados em 9 de junho de 1856 para o cemiterio do Alto de S. João.

1561.—26.—Morre assassinado no Piemonte o mavioso poeta e romancista Jorge de Montemor, ou de Montemayor, assim chamado por ter nascido na villa de Montemór-o-Velho.

Foi auctor do celebrado poema *Diana de Montemór*, dedicado á sua amada.

1866.—26.—Morre prematuramente, pelas seis horas da tarde, a malograda actriz do theatro de D. Maria II, Manoela Lopes Rey.

1617.—27.—Morre em Alcobaca o chronista Fr. Bernardo de Brito, chamado no seculo Balthazar de Brito de Andrade. Foi auctor da monumental obra denominada *Monarchia Lusitana*.

Havia nascido na praça de Almeida em 20 d'agosto de 1569.

1841.—28.—Primeira representação em S. Carlos do *Cerco de Din*, opera de Manoel Innocencio dos Santos, desempenhada por Boncabadatti, Conti Varesi, etc.

livro, como o são todos que se dedicam á educação. Este, porém, tem a particularidade de tratar de um assumpto inteiramente novo entre nós, o qual é de cuidar da educação physica da mulher. Que os paes de familia attentem bem n'isto e reconheçam as vantagens que a gymnastica pôde trazer ao desenvolvimento physico de suas filhas, comparando a robustez das mulheres do campo ou ainda d'aquellas da cidade que se

fasciculo é um dos ultimos d'esta obra e vem acompanhado de uma gravura — *Morticinio dos presos de Estremoz*.

LES AFFAIRES ESPAGNOLES, *Hispano-Coloniales, Portugaises e Sud-Americaines* etc. Paris É um periodico mensal que se occupa largamente de assumptos respeitantes á peninsula Iberica, publicando dados estatisticos muito importantes tanto relativos a Hespanha como a Portugal.

O *ZOOFILO* orgão das *Sociedades Protectoras dos Animaes de Lisboa e Porto*. Este periodico que se publica ha annos melhorou agora consideravelmente ao encetar o setimo anno, augmentando de formato e adornando-se de gravuras, conforme o n.º 1 de janeiro ultimo que temos á vista.

A *VOLTA DO MUNDO* *Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos*, redactores Theophilo Braga e Abilio Lobo, Empreza Litteraria Luso-Brazileira, editora, Lisboa. N.ºs 20 21 22 e 23 do II vol. Continuum n'estes numeros, além de outros artigos de merecimento, os excerptos da viagem de Serpa Pinto com magnificas illustrações.

CORREIO DO BRAZIL, *Revista Mensal*, proprietario é director Oliveira Lima, Lisboa. N.º 6 relativo a dezembro ultimo. Este numero publica artigos muito interessantes e um retrato do Barão de Aguiar d'Andrada.

RELATORIO E PROJECTO DE LEI PARA A ABOLIÇÃO DO CHAMADO FORO ACADEMICO mandado publicar pela *comissão academica de Coimbra*. Coimbra. Este folheto é destinado principalmente ao parlamento portuguez, afim de tomar conhecimento do novo projecto que, a *Comissão Academica de Coimbra* pretende tornar em lei.

O *INSTITUTO* revista *scientifica e litteraria* vol. XXX dezembro de 1882, segunda serie n.º 6, Coimbra. Este numero além de varios artigos e poesias, publica os estatutos do Instituto e sua reforma.

ALBUM DAS GLORIAS desenhos de Raphael Bordallo Pinheiro, texto de João Ribaixo, lithographias de Justino Guedes, Lisboa. N.º 33,

com uma estampa representando o notavel poeta brasileiro Luiz Guimarães.

EURICO Boletim da Sociedade Litteraria Alexandre Herculano, Lisboa. N.º 6 com diversos artigos de merecimento e o retrato de Pinheiro Chagas.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1883, LALLEMANT FRÈRES, TYP. LISBOA
6, Rua do Thesouro Velho, 6



MARQUEZ DE SALAMANCA — Fallecido em 21 de Janeiro de 1883

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

ALMANACH DAS HORAS ROMANTICAS para 1883. David Corazzi, editor, Lisboa. Já está publicado este interessante almanach que vae no decimo anno da sua publicação.

GUIA PARA ENSINO DA GYMNASICA NAS ESCOLAS DO SEXO FEMENINO por Paulo Lauret. Clavel & C.ª, editores, Porto. A gymnastica faz hoje parte importante da educação physica, como já o foi n'outro tempo, por isso é da maior utilidade este

entregam a trabalhos braçaes, com as suas filhas rachiticas e anemicas incapazes de produzirem uma geração robusta e sadia.

HISTORIA UNIVERSAL pelo dr. Jorge Weber, traducção e notas de Delfim d'Almeida, Empreza Litteraria de Lisboa, editor, Lisboa. Fasciculos 21, 22, 23, 24 e 25 do 3.º vol. com 4 gravuras — *Convento da Batalha* — 1640, *Revolução em Lisboa* — *Luthero pregando a reforma* — *Um auto de fé*.

HISTORIA DE PORTUGAL ILLUSTRADA publicada pela Empreza Litteraria de Lisboa. Fasciculo Z do 6.º vol. escripto por Pinheiro Chagas. Este

BIBLIOTHECA PORTUGUEZA DO «OCCIDENTE»

A COMEDIA BURGUEZA

I

SAPATOS DE DEFUNCTO

Por LEITE BASTOS

COM UMA INTRODUÇÃO POR GERVASIO LOBATO

ILLUSTRADO COM 27 ESTAMPAS

Desenhos de MANUEL DE MACEDO — Gravuras de ALBERTO

EDIÇÃO DE LUXO

Um volume de 200 pag. em magnifico papel assetinado com uma elegante capa de côr illustrada, brochura á ingleza.

Preço 600 réis

Á venda na EMPREZA DO OCCIDENTE, em todas as livrarias, e em casa dos srs. correspondentes d'esta empreza. — Para a provincia envia-se franco de porte a quem remetter 600 réis em estampilhas ou vales do correio.

CAPAS CARTONADAS

PARA ENCADERNAÇÃO DO

OCCIDENTE

A Empreza do OCCIDENTE tem á venda capas especiaes para encadernação em separado de cada um dos volumes do OCCIDENTE, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º

PREÇO DE CADA CAPA 800 RÉIS

Para fóra de Lisboa enviam-se francas de porte a quem remetter a sua importancia em estampilhas ou vales do correio.

Tambem se fazem encadernações com estas capas por 1\$200 réis.